

VERBETE 49

BEM VIVER

Eduardo Gudynas

A expressão “bem viver” se origina na América do Sul e pressupõe críticas e alternativas às ideias convencionais sobre **desenvolvimento**. Ela reúne um conjunto diversificado de questões e alternativas sobre as bases conceituais e práticas do **desenvolvimento**, que vão das mais superficiais às mais profundas.

Os precursores diretos do bem viver podem ser encontrados em diversos conceitos de alguns grupos indígenas andinos. As primeiras referências com significados semelhantes ao presente apareceram na década de 1990, principalmente no Peru, e se tornaram muito mais importantes na Bolívia e no Equador, nos anos seguintes.

É possível reconhecer três usos do conceito de bem viver:

- Um uso genérico. É empregado em críticas genéricas a diferentes formas de **desenvolvimento** convencional. Tem sido usado para questionar a prática de empresas (por exemplo, denunciando aquelas que poluem) ou como palavra de ordem para caracterizar projetos alternativos de governos sul-americanos progressistas (por exemplo, classificando como bem viver a construção de zonas de pedestres da cidade de Quito ou políticas de assistência social, como os programas de transferência de renda para os pobres na Venezuela).
- Um uso restrito. Corresponde a críticas mais complexas ao **capitalismo** contemporâneo que demandam outro tipo, pós-capitalista, de **desenvolvimento**. A maioria dessas críticas está ligada à tradição socialista, e o questionamento que se coloca é profundo e envolve um debate sobre os diferentes tipos de **desenvolvimento** que se desejam. Embora não questione necessariamente o objetivo de **crescimento** econômico ou o uso utilitarista da Natureza, esse uso transmite visões específicas sobre

a propriedade dos recursos e o papel a ser desempenhado pelo Estado na alocação desses recursos. As expressões mais conhecidas nessa linha envolvem o bem viver como “biossocialismo republicano” no Equador ou “**desenvolvimento** integral” na Bolívia.

- Uso substantivo. Trata-se de uma crítica radical a todas as formas de **desenvolvimento** em suas bases conceituais e uma consequente defesa de alternativas que sejam pós-capitalistas e pós-socialistas. Essas alternativas se baseiam em conhecimentos e sensibilidades indígenas, bem como em vertentes ocidentais críticas de pensamento. O uso substantivo é um conjunto plural e intercultural de ideias ainda em construção. Essa foi a formulação original do bem viver, ao passo que as duas formulações anteriores são mais recentes.

O bem viver corresponde mais de perto ao conceito de decrescimento em seu uso substantivo, uma vez que outras posições são descritas com mais precisão como “alternativas de desenvolvimento” – isto é, arranjos instrumentais que não questionam ideias fundamentais como a necessidade de industrialização, o mito do progresso ou a dualidade que separa a sociedade da natureza. Em comparação, o bem viver, em seu sentido substantivo, constitui uma “alternativa ao **desenvolvimento**” (no sentido de Escobar, 1992).

Se é verdade que o bem viver, em seu sentido substantivo, é um campo plural em construção, já existem elementos fundamentais consistentes. O bem viver critica radicalmente diferentes tipos de **desenvolvimento** convencional, seus alicerces tanto teóricos quanto práticos, assim como suas instituições e discursos legitimadores. Em particular, o bem viver rejeita a ideia de uma linearidade histórica predeterminada em que todos os países devem seguir “etapas de desenvolvimento” (imitando as nações industrializadas) e defende a multiplicidade dos processos históricos. Ele não aceita o conceito de progresso e seus derivados (particularmente o **crecimento**) ou a ideia de que o bem-estar depende apenas do consumo material.

Em seu sentido substantivo, o bem viver defende a diversidade de conhecimentos. A dominação das ideias ocidentais é substituída por uma promoção da “interculturalidade”, na qual as ideias ocidentais não são rejeitadas, mas vistas como uma opção entre muitas. A separação entre sociedade e natureza não é reconhecida, e é substituída por uma noção de comunidades ampliadas, que também pode incluir diferentes seres vivos ou elementos do meio ambiente em contextos territoriais. O bem viver só é possível dentro de comunidades de ontologias ampliadas ou relativas. Isso implica reconhecer valores intrínsecos na natureza, rompendo com a posição antropocêntrica ocidental dominante na qual os seres humanos são os únicos sujeitos de

valor. Além disso, o bem viver rejeita a instrumentalização da natureza pela humanidade.

Esse e outros fatores tornam o bem viver uma perspectiva não essencialista, relativa a cada contexto histórico, social e ambiental. Essa característica também contribui para a pluralidade subjacente ao termo.

Tal pluralidade pode ser apreciada em suas diferentes variantes. Uma das formas mais conhecidas é a categoria *suma qamaña*, que expressa a sensibilidade de algumas comunidades aimarás na Bolívia. É uma noção de bem-estar, ou de uma vida plena, que só pode ser alcançada por meio de relacionamentos profundos dentro de uma comunidade. Por sua vez, o sentido de “comunidade” é ampliado, uma vez que integra outros seres vivos e elementos do meio ambiente situados dentro de uma estrutura territorial (*ayllu*). Uma sensação de realização só é possível no âmbito desses tipos de racionalidades e sensibilidades amplificadas.

A ideia de *sumak kawsay*, do Equador, também é bem conhecida. O conceito é semelhante ao anterior e destaca um sistema de proteção que não é apenas material, mas que também se expressa nas comunidades ampliadas, tanto sociais quanto ecológicas. Ao contrário do *suma qamaña*, o *sumak kawsay* não contém um conceito como o *ayllu* boliviano.

Vários povos indígenas têm conceitos análogos, como o *ñande reko* do povo guarani, o *shiir waras* dos ashuares, no Equador, ou o *küme mongen* dos mapuches, no sul do Chile.

O bem viver também é baseado no pensamento crítico dentro da tradição ocidental. As duas fontes mais importantes são o **ambientalismo**, que propõe os direitos da natureza, e novo feminismo, que questiona centralidades patriarcais e reivindica uma ética do **cuidado**.

Portanto, o bem viver representa a confluência de conhecimentos de diferentes origens, e não pode se restringir a ser uma ideia “indígena”. Isso ocorre porque não existe um conhecimento indígena no singular, já que essa é uma categoria colonial. Assim, o bem viver incorpora conceitos e sensibilidades de alguns grupos indígenas e, já que cada um tem uma origem cultural específica, a postura *suma qamaña* de bem viver entre as comunidades aimarás não é igual ao *sumak kawsay* dos quéchuas no Equador. Essas são posições que pertencem a cada contexto social e ambiental, que, além disso, foram afetadas, hibridizadas ou misturadas de formas diferentes com o pensamento atual ou moderno, mesmo que não tenham qualquer relação com ideias como a “boa vida” no sentido aristotélico ou qualquer de seus derivados ocidentais.

O bem viver não é um retorno ao passado, e sim confronta situações atuais com um olhar para o futuro. Isso ocorre em um contexto intercultural

e até mesmo gera desafios recíprocos (por exemplo, para o conhecimento crítico ocidental, o desafio de compreender as visões de comunidades ampliadas sobre os aspectos não humanos, e, para algumas visões indígenas, lidar com o chauvinismo). Um exemplo disso são as explorações de uma transição da **justiça ambiental**, com base em direitos humanos de terceira geração (a qualidade de vida ou a saúde), à justiça ecológica, baseada especificamente nos direitos da natureza (aqueles independentes de avaliações humanas).

O bem viver deve ser interpretado como uma plataforma compartilhada ou um campo em que diferentes posições convergem em uma crítica ao **desenvolvimento**, em particular, e à modernidade, em geral. O bem viver propõe alternativas que também apresentam sentidos complementares.

O bem viver não é apresentado como uma unidade, uma disciplina acadêmica ou um plano de ação. É um conjunto de ideias e sensibilidades mobilizadas em outro nível, que se poderia situar na “filosofia política”, para usar uma expressão ocidental disponível, como ocorre com ideias como a participação ou a igualdade.

O bem viver, em seu sentido radical original, influenciou a redação das novas Constituições da Bolívia e, em particular, do Equador. Nos dois países, contudo, houve decisões **políticas** e novas leis ou resoluções que limitam os componentes da crítica radical ao **desenvolvimento** que é inerente ao bem viver. Ela foi substituída por uma nova forma de **desenvolvimento** aceitável (é o caso do “desenvolvimento integral” na Bolívia) ou, em um sentido restrito, por uma opção socialista *sui generis* no Equador (Gudynas, 2013).

Como o bem viver, em seu sentido substantivo, não aceita as bases conceituais dos diferentes tipos de **desenvolvimento** contemporâneo, podem-se estabelecer ligações com o decrescimento. Isso se aplica especialmente à crítica do bem viver ao **crecimento** ou ao consumismo. Em qualquer caso, o bem viver redireciona a discussão sobre o **crecimento** à da realização social e ambiental. Assim, em um contexto latino-americano, algum setor deve ser reduzido e o consumismo, rejeitado, mas as melhorias em outros setores, como a educação ou a saúde, podem resultar em **crecimento** econômico. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que o decrescimento é uma das consequências possíveis em determinados contextos, e não um objetivo em si. Ao contrário do decrescimento, o bem viver, devido à sua perspectiva intercultural, segue objetivos mais ambiciosos voltados a alterar cosmovisões atuais dos seres humanos, da sociedade e da natureza.

REFERÊNCIAS

ESCOBAR, A. Imagining a post-development era? Critical thought, development and social movements. *SocialText*, v. 31/32, p. 20-56, 1992.

GUDYNAS, E. *Buen vivir*: germinando alternativas al desarrollo. *América Latina en Movimiento*, v. 462, p. 1-20, 2011a.

_____. *Buen vivir*: today's tomorrow. *Development*, v. 54, n. 4, p. 441-447, 2011b.

_____. Development alternatives in Bolivia: the impulse, the resistance, and the restoration. *NACLA Report on the Americas*, v. 46, n. 1, p. 22-26, 2013.